

ENTRE TUAN E LÉVY: UMA ANÁLISE DAS HABILIDADES ESPACIAIS NO AMBIENTE VIRTUAL

BETWEEN TUAN AND LEVY: AN ANALYSIS OF SPECIAL ABILITIES IN CYBERSPACE

Demóstenes Dantas Vieira¹

RESUMO

Este trabalho, de cunho bibliográfico, propõe estreitar os laços entre a noção de espaço de Yi-Fu Tuan e os estudos de Pierre Lévy. Propomos como objetivo identificar como as noções de espaço, experiência e *espaciosidade* de Tuan (1983) podem ser aplicadas à análise das relações virtuais. Por conseguinte, esperamos contribuir para a discussão acerca da constituição do sujeito no ciberespaço, subsidiando pesquisadores que atuam no entendimento das relações ciberespaciais. Em vista disso, questionamos como a expansão das habilidades espaciais, tanto nas relações off-line como nas interações on-line, podem contribuir para a constituição do sujeito, através da troca de experiências, do compartilhamento da memória, da cultura e da própria consciência. Os resultados apontam para uma aproximação teórico-epistemológica entre Tuan e Lévy acerca da noção de espaço, experiência e constituição do sujeito.

Palavras-chaves: Ambiente Virtual. Espaço. Espaciosidade. Habilidades espaciais.

ABSTRACT

This paper, bibliographic nature, proposes to strengthen ties between the notion of Yi-Fu Tuan space and Pierre Lévy studies. We propose how to identify how the notions of space, experience and spaciousness of Tuan (1983) can be applied to the analysis of virtual relationships. Therefore, we hope to contribute to the discussion about the constitution of the subject in the virtual environment, supporting researchers working in the understanding of cyberspace relations. In view of this, we question how the expansion of spatial skills, both in offline relationships as in online interactions can contribute to the constitution of the subject through the exchange of experiences, sharing of memory, culture and conscience. The results point a paragraph approach epistemological theoretical between Tuan and Lévy about space concept, experience and order of the subject.

Keywords: Virtual environment. Space. Spaciousness. Spatial skills.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A reflexão sobre as categorias de espaço e tempo tem ocupado lugar bastante significativo na academia. Desde a filosofia e geografia até as demais Ciências Sociais e Humanas como a Psicologia, Sociologia, Antropologia e Ciência Política, tem-se questionado o valor do espaço na constituição do

¹ literaturaevada@yahoo.com.br

sujeito, de sua identidade, o que traz à baila uma noção de espaço não apenas físico e material, mas simbólico. Espaço ligado à experiência, aos valores, às emoções, às interações sociais, às desigualdades, à inclusão, etc.

Sobre tal questão, Durkheim (1989) escreve que o espaço não é uma categoria vazia e indeterminada, pelo contrário, representa um elemento ligado à experiência sensível. Para ele, é a partir da experiência que o homem divide, diferencia e atribui valor simbólico ao espaço, classificando-o de acordo com suas experiências, por esse motivo “valores afetivos diferentes” foram “atribuídos às regiões” por culturas diferentes (DURKHEIM, 1989, p. 40). Isso denota a origem social do espaço e sua relação na constituição do homem, das subjetividades e das identidades. Nesse sentido, a compreensão do espaço perpassa a cultura, o olhar do homem e de cada grupo social, das experiências intersubjetivas com o meio em que vive (TUAN, 1983).

A Revolução Tecnológica e a origem da internet modifica a compreensão da noção de espaço, agora, muito mais ligado à experiência do que ao espaço físico, já que do ponto de vista cibernético o espaço é um lugar indefinido. Nesse sentido, o ambiente virtual surge como possibilidade de ruptura com os moldes de comunicação unilaterais e com as noções tradicionais de espaço e tempo, visto que o sistema que a compõe é sobreposto de hipertextos, *hiperlinks*, etc., formando uma rede de interações que proporciona a conexão entre os indivíduos, instituições, culturas e a construção de comunidades virtuais que ultrapassa as contingências do tempo e do espaço físico (RHEINGOLD, 2002). Esse sistema de interconexões possibilitou a ampliação das nossas relações, das “redes de interdependência” que constituem a sociedade (ELIAS, 1994).

Ciente disso, este trabalho, de cunho bibliográfico, propõe estreitar os laços entre a noção de espaço como experiência do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan e a noção de ciberespaço do filósofo francês Pierre Lévy, referência nos estudos sobre o ambiente virtual, para isso adotamos o método de categoria de análise, em que discutimos a aproximação dos autores acerca da noção de espaço. Diante disso, ressaltamos como aporte teórico as contribuições de Tuan (1983), Lévy (1995/1996/1999/2000), Lefebvre (2000), Lemos (2002), Castells (2009), dentre outras. Dessa forma, propomos nos interrogar sobre como as noções de espaço, experiência e *espaciosidade* de Tuan (1983) podem ser aplicadas à análise das relações ciberespaciais, pensando a constituição do sujeito a partir da expansão das chamadas “habilidades espaciais”.

2 O CULTURAL-SIMBÓLICO E O ESPAÇO EM TUAN

O conceito de espaço pode ser compreendido com uma categoria bastante “indefinida”. Sua compreensão perpassa, principalmente, a constituição da Geografia enquanto ciência, seu objeto de estudo, os diferentes pesquisadores e diferentes áreas: tradicional, humanista, crítica, etc. Sua definição é, portanto, passível de classificação e descrição, tendo em vista a diversidade teórica construída no decorrer da construção das ciências humanas. Como recurso didático-metodológico, optamos por re-

fletir sobre as noções de espaço da *Geografia Humanista*², mais especificamente, as contribuições do geógrafo Yi-Fu Tuan, tendo em vista que julgamos íntima relação entre a concepção de espaço utilizada por ele e a noção de espaço simbólico adotada neste trabalho.

Podemos inferir que a perspectiva adotada por Tuan (1983) delineou o caráter humanista da Geografia e sua aproximação com as ciências sociais e demais ciências humanas, tendo em vista que a Geografia Humanista busca aprofundar-se na compreensão do homem e suas condições (Tuan, 1983), na relação do espaço físico e o mundo simbólico. A concepção de espaço trazida por Tuan (1983) se difere da premissa tradicional da Geografia apenas como estudo da terra ou dos lugares, como afirma Vidal de La Blache da *ciência dos lugares e não dos homens*³, ele nos trás o lugar do humano no espaço.

Ao pensar o espaço, Tuan (1983) traz à tona a relação do homem com a natureza, levando em consideração a percepção e a experiência intersubjetiva. Essa compreensão envolve, portanto, um complexo de experiências através das quais damos sentido ao espaço, seja através da percepção visual, auditiva, tato ou mesmo do pensamento.

Podemos então compreender o espaço como um vocábulo abstrato utilizado para designar um conjunto de ideias que construímos a partir da percepção, da experiência e, por conseguinte, da compreensão da realidade. Nesse sentido, a compreensão do homem perpassa a sua inserção e divisão do espaço assim como a transformação do espaço por ele (TUAN, 1983).

Tuan (1983) escreve ainda que a compreensão do espaço está ligada à cultura, e que o modo de vê-lo está associado ao olhar que cada nação, grupo ou indivíduo tem do mesmo. Podemos então falar de construção do espaço e partir da experiência humana que o constitui. Em Lefebvre (2000) esse processo é denominado de *produção do espaço*, expressão que designa a relação do espaço com a realidade social, tendo em vista que ele em “si mesmo” não pode ser concebido como ponto de partida epistemológico, tendo em vista que ele é produzido pelo homem. É somente a partir da ação do homem que o espaço pode ser compreendido, através do entendimento do mesmo como espaço percebido, concebido e vivido.

Nesse sentido, a expressão *produção do espaço* nos remete aos processos de compreensão intersubjetivos da realidade e a forma através da qual atribuímos sentido ao espaço. Na perspectiva de Lefebvre (2000), essa produção abrange três dimensões: espaço percebido, espaço concebido e espaço vivido. A expressão *espaço percebido* refere-se ao aspecto perceptível do espaço que se constitui como componente de toda a atividade social. Essa percepção está diretamente ligada ao espaço físico, aos seus elementos materiais. A expressão *espaço concebido*, por sua vez, refere-se à construção prévia do espaço através do pensamento, ela associa-se à produção do conhecimento, tendo em vista que faz uma síntese dos elementos que constituem o espaço para então defini-lo. Já a dimensão de *espaço vivido* refere-se à experiência vivida no/do espaço. Ela proporciona o processo de significação do espaço e do mundo a partir da forma como eles são experimentados pelo homem (LEFEVBRE, 2000).

² Conforme afirma Holzer (2008), a *Geografia Humanista* assim como a *Geografia Crítica* surgem na década de 70 como alternativa epistemológica de encontro ao positivismo, ambas têm em comum a compreensão do mundo a partir da relação sociedade/natureza e os elementos inseridos nessa relação.

³ A expressão “ciência dos lugares e não dos homens” foi usada por Vidal de La Blache (1982, p. 29) para o objeto de estudo da geografia, que segundo ele não é uma ciência “puramente humana”, que parte da compreensão da terra e dos lugares para se entender o homem e não o contrário, como a Sociologia e a História.

Ele, o homem, torna-se elemento fundamental para compreendermos o espaço, entendido, aqui, não só do ponto de vista material, mas do ponto de vista simbólico e intersubjetivo. Como afirma Buttimer, (1993, p. 182) a “intersubjetividade sugere a situação herdada que circunda a vida diária. Pode também ser compreendida como um processo em movimento, pelo qual os indivíduos continuam a criar seus mundos sociais”.

É a partir do aspecto intersubjetivo e cultural-simbólico que Tuan (1983) realiza uma reflexão bastante importante para o nosso trabalho, sobre a noção de *espaciosidade*. Em Tuan (1983), só podemos falar de espaço se paralelamente falarmos de experiência, de *espaço vivido*. A *espaciosidade*, por sua vez, pode ser compreendida como expansão da experiência, das múltiplas possibilidades de compreensão da realidade a partir dos diversos espaços. Tuan (1983, p. 59) escreve que:

Espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficiente em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significados. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que esta transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se.

Quando expandimos as nossas relações espaciais, sentimo-nos livres, capazes de ir além dos mecanismos sociais que determinado espaço nos propõe, de seu *habitus*. A expansão espacial possibilita a ruptura com o espaço físico e também simbólico, dada a possibilidade de locomoção e de filiação espacial, de *campos* e *configurações* diversos. O espaço pode ser compreendido, portanto, como “um recurso que produz riqueza e poder quando adequadamente explorado [...] o ‘homem importante’ ocupa e tem acesso a mais espaço do que os menos importantes”, dada a *espaciosidade* (TUAN, 1983, p. 59).

É interessante pensarmos o espaço como símbolo, como saber. Sua apreensão se dá pelo que Tuan (1983) chama de processos exploratórios de “habilidade espacial”. Essa habilidade refere-se à locomoção no espaço, entretanto vai além do sentido literal da palavra, não é o simples fato de andar entre espaços materiais, mas de interagir e elaborar sistemas simbólicos a partir deles.

Segundo Tuan (1983, p. 77), “a habilidade espacial se transforma em conhecimento espacial quando podem ser intuídos os movimentos e as mudanças de localização”. Segundo ele “andar é uma habilidade, mas se eu puder conservar a imagem em minha mente que me permita analisar como me movo e que caminho estou seguindo, então eu também tenho conhecimento”. Podemos então concebê-lo (o espaço) como forma do indivíduo constituir-se, pois através dele o indivíduo significa a si mesmo, percorrendo espaços, e analisando mentalmente a forma através da qual ele caminha e o significa. Esse processo de análise e interação simbólica com os diversos espaços gera conhecimento, pois “uma vez iniciado o caminho exploratório”, a mente “cria grandes e complexos esquemas espaciais” (TUAN, 1983, p. 76).

Outro ponto bastante fecundo para a nossa pesquisa, é a relação espaço e lugar. O processo exploratório do espaço liga-se intimamente aos processos de subjetivação. Segundo Tuan (1983), a habilidade espacial é indispensável à existência humana, entretanto o conhecimento e articulação simbólica advinda da apropriação do espaço não. A habilidade espacial refere-se aos processos de interação do espaço através do corpo, enquanto que o conhecimento ou articulação simbólica depende de processos intersubjetivos (TUAN, 1983).

São os processos intersubjetivos que fazem o que entendemos por espaço físico/simbólico transformarem-se em lugares. Os espaços tornam-se lugares à medida que os indivíduos lhe atribuem significado e afeto, tornando-lhes um centro de valores (TUAN, 1983). Esse aspecto relaciona-se diretamente à formação de identidades socioculturais, associadas ao *lugar*, por conseguinte, ao espaço. E nesse sentido essa relação simbólica com o espaço também se relaciona com a noção de *habitus* como predisposição psíquica, tendo em vista que segundo Tuan (1983), os lugares e a “habilidade espacial” estão associados à ideia de permanência, por que não dizer de pertencimento.

3 RESSIGNIFICANDO A NOÇÃO DE ESPAÇO A PARTIR DA INTERNET

É certo que a internet proporcionou a ressignificação dos conceitos de espaço, cultura local, nacional e mesmo global, tendo em vista que os nossos relacionamentos e experiências se dão agora também a partir de espaços virtuais em que a noção de contexto local deve ser repensada, visto o espaço indefinido e alteridade do ciberespaço.

Talvez nós estamos vivendo agora um momento em que a sociedade ou civilização “inventa” a si mesma (LÉVY, 2000), momento que traz à tona a possibilidade de uma “cultura participativa” em que o sujeito também a reinventa (JENKINS, 2006), que cria espaços de interação a partir da construção de comunidades virtuais e da produção simbólica em rede. Nesse sentido, pode-se falar de *produção do espaço virtual*, dada a relação simbólica do indivíduo nas redes sociais que podem também ser compreendidas como espaço percebido, concebido e vivido, conforme Lefebvre (2000). A construção do espaço virtual se dá no âmbito da ação do homem sobre o espaço, sendo ela mesma uma criação cultural (CASTELLS, 2009), como “teias de significado” tecidas pelo próprio homem e nas quais o mesmo encontra-se “emaranhado” (GEERTZ, 1989).

As relações espaciais no ciberespaço assemelham-se as interações “reais” se pensado o seu valor simbólico. Entretanto, o que entendemos de espaço não pode ser compreendido da mesma forma, visto que a internet nos possibilita um espaço material indefinido através do qual se torna possível a expansão das *habilidades espaciais*, o compartilhamento da memória, da percepção do mundo e da imaginação. Se pensado em de Tuan (1983), poder-se-ia falar de *espaciosidade virtual*. Isso resulta na troca de saberes e na construção de uma aprendizagem e “inteligência coletiva” (LÉVY, 1995).

À vista disso, entende-se que o ambiente virtual proporcionou mais *espaciosidade* ao sujeito, dando-lhe a possibilidade de ampliação de espaços comunicação e interação *simbólica*⁴. Conforme escreve Tuan (1983) a expansão das nossas redes de interação com o espaço nos permite a liberdade e o poder, tendo em vista o processo de experientiação e reflexão de/sobre os espaços percorridos. Nesse sentido, o ciberespaço proporciona ao sujeito a criação de seu próprio caminho, “mobilidade e conexão” e produção do seu próprio espaço (LEMOS, 2002). Neste caso, sua locomoção se dá a partir

⁴ A expressão *interação simbólica*, aqui utilizada, denota a *simbolização* como característica humana. Ele nos remete ao Interacionismo Simbólico de Mead, Blumer, Dewey, Giddens, Goffman etc. Para esses pensadores “o significado é um dos mais importantes elementos na compreensão do comportamento humano, das interações e dos processos” (CARVALHO; BORGES; REGO, 2010, p. 153). Para Blumer (1979), o significado é um produto social, que advém da ação do homem à proporção que interagem entre si.

de símbolos, textos, hipertextos, *hiperlinks* etc., pois ele se locomove agora entre múltiplos espaços, portanto, um espaço indefinido, espaço virtual.

Segundo Lévy (2000, p, 13) a cibercultura⁵ modificou o nosso cotidiano, entretanto, não se trata apenas de pensá-la em “termos de impacto” da mesma na vida dos indivíduos, “mas também em termos de projeto”, ou seja, não só como a internet modificou o cotidiano das pessoas, mas como ela pode contribuir para as melhorias sociais, para a construção de uma *inteligência coletiva* e de uma “cultura participativa” (JENKINS, 1992/2006).

A ação do indivíduo sobre a cultura e/ou do espaço ou detes sobre aquele já foi tratada por diversos nomes das ciências sociais, desde a “consciência coletiva” em Durkheim, as noções de “ação social” em Weber, de “luta de classes” em Marx, das noções de *habitus* em Bourdieu e Elias, até as noções de sujeito em Touraine, Goffman, Giddens, Foucault, etc. É certo que o desenvolvimento científico sobre o assunto propiciou o entendimento de um indivíduo participante da cultura, que significa e ressignifica suas ações como também a si mesmo.

No ciberespaço, tal compreensão materializa-se pela necessidade de erupção do sujeito, dada a sociedade repressora, em que muitas vezes, o sujeito sente-se reprimido (FREUD, 1976b). Se pensarmos, por exemplo, os *nicknames* (apelidos) nas salas de bate-papo, veremos a ação de indivíduos cuja libido foi reprimida pelo *processo civilizador*. No espaço virtual, o sujeito encontra a possibilidade de ressignificar a si mesmo, a partir de um espaço que modifica a própria noção de identidade, que a transforma a partir da imaginação simbólica, a começar pelo próprio nome. A internet pode ser compreendida, portanto, como espaço onde se torna possível a ressignificação de identidades (CASTELLS, 2009).

O ciberespaço apresenta-se ao sujeito como ponte de inúmeras formas de interação e significados, culturas, grupos, confrontos e experiências que se sobrepõem a cada *hiperlink* ou troca de informações entre os internautas. A internet assume, portanto, um lugar de grande relevância na constituição identitária do indivíduo, visto que ela possibilita um amontoado de conhecimento capaz de transformar a visão de mundo das pessoas, a ressignificação de valores e também o hibridismo cultural, onde o local mistura-se com o global (MITCHELL, 2000).

4 O CIBERESPAÇO E A EXPANSÃO DAS HABILIDADES ESPACIAIS

O valor semântico do prefixo *cyber* nos remete a situações virtuais, cuja máquina mantém íntima relação. Etimologicamente, o termo deriva do grego cuja origem significa “controle” (KELLNER, 2001). Na década de 1940, ele foi utilizado por diversos estudiosos da física e desde então está associado aos sistemas de automação, a “máquinas inteligentes”, por sua vez, ao “controle” da comunicação entre seres vivos e máquinas (CASCAIS, 2001). Nesse sentido, as noções de ciberespaço e cibercultura

⁵ O sentido do vocábulo *cibercultura* adotado nesse trabalho advém da interpretação do filósofo francês Pierre Lévy (1999). Ele se refere à interpelação entre subjetividade, tecnologia e cultura. O termo suscita a reflexão entre a relação entre técnica e sociedade, tendo em vista que a técnica possibilita a reinvenção da vida social, modificando a vida cotidiana. A cibercultura pode ser entendida como cultura desterritorializante em que o indivíduo torna-se livre para constituir-se enquanto sujeito, tendo em vista a multiplicidade de informações que o ciberespaço lhe oferece.

também nos remetem ao vocábulo controle, dos espaços, das interações, das informações e da aprendizagem. Isso nos leva, primeiramente, a pensar em uma ruptura sobre os conceitos de tempo e espaço.

As tecnologias de informação possibilitaram o que poderíamos chamar de transição das relações interpessoais localizadas para a experiência em formas de interação cujo tempo e espaço tornam-se indefinidos, como espaço *desterritorializante*, um “mundo não palpável [...] que existe em um local indefinido, desconhecido, cheio de devires e de possibilidades” (MONTEIRO, 2007, p. 380).

No mundo da “virtualização” encontramos definições de espaço e tempo interligados, como conceitos que se fundem à ação de “atores da comunicação conectados a uma rede, dividindo um mesmo hipertexto, em uma relação totalmente nova com os conceitos de contexto, de espaço e de tempo das mensagens” (RAMAL, 2002, p.81). Nessa perspectiva, a virtualização proporciona a unidade do tempo, sem promover a unidade do espaço (LÉVY, 1996).

Esse espaço indefinido, ainda que definido pelos usuários, é o que chamamos de ciberespaço, podendo ser caracterizado como

[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas a digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluído, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca do ciberespaço (LÉVY, 1999, p.92-93).

Pensando essa noção de espaço plástico cuja existência se dá pela codificação digital e também de comunicação aberta e tratável em tempo real, de trocas de informações instantâneas, propomos uma noção de ciberespaço no que compete a internet. O ciberespaço na internet pode ser compreendido como o lugar onde há uma desenfreada multiplicação de espaços através dos quais o usuário migra de um ponto a outro (através do que chamamos *hiperlinks*). Neste caso, falamos de uma migração não física ou geográfica, mas de espaços codificados por meio digital. Através dos *hiperlinks*, o leitor “navega” por diversos (con)textos, de diferentes autores e/ou leitores e compartilha diversas experiências e consciências, inclusive a de si próprio.

Por esse motivo, o também chamado espaço cibernético é indefinido, tendo em vista que os mesmos “se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênese” (LÉVY, 1996, p.23). Essa heterogênese possibilita uma via de compreensão da virtualização que se filia ao entendimento do homem, à sua alteridade. Segundo Lévy (1996), a virtualização é indissociável do ser humano, visto a possibilidade de expansão dos processos comunicativos.

O ciberespaço, portanto, diferencia-se do real à medida que proporciona uma rede de possibilidades que se atualiza constantemente e de formas diferentes, como um processo migratório de um mundo material para um mundo de interação digitalizada (LÉVY, 1996). Ele expande, portanto, as possibilidades humanas de comunicação, de subjetivação e identificação, tendo em vista as diversas experiências com a diferença.

O pensamento de Lévy (1999) reforça a noção de identidade como imaginação e de identidade como “invenção” (ALBUQUERQUE JR, 2006). A cibercultura exerce grande influência no imaginário social, na proporção que fornece os modelos de nossa forma de agir, representar e significar o mundo (LÉVY, 1999). Ela afeta diretamente as nossas formas de socialização⁶ e sociabilidade⁷, tendo em vista a sua expansão na constituição da vida contemporânea. As mudanças tecnológicas alteram o “*habitus*” social e constituem-se formadoras de diversos “campos” (BOURDIEU, 1990). No pensamento de Elias (1994), poder-se-ia dizer que ela contribui para a expansão das redes de interdependências, e construção de novas formas de “configurações”.

Os conceitos até aqui trabalhados nos trazem a possibilidade de reflexão sobre a transformação da cultura e, por conseguinte, dos processos de subjetivação e identificação, que em contextos específicos, se entrelaçam à cibercultura. Uma das contribuições de Pierre Lévy é pensar o papel do ciberespaço como uma forma híbrida de interação simbólica, difusão e compartilhamento de experiências e consciências. Consequentemente, sua obra possibilita a reflexão sobre as novas formas de comunicação em que a internet apresenta-se como instrumento à construção da autonomia, cujo participante não é mais tão passivo quanto nas demais formas de interação midiática, pelo contrário, é participante da informação, porque não dizer da cultura, interagindo com a mesma e modificando-a.

Nesse sentido, Castells (2009, p. 04) escreve que as tecnologias de informação têm possibilitado a “comunicação individual de massa”, ou seja, a possibilidade de construção da autonomia do sujeito a partir dos processos de interação simultâneos, da imaginação, da apropriação e difusão do conhecimento, através dos quais o sujeito se reinventa, se constitui e se transforma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões realizadas até aqui apontam para a possibilidade de estreitamento dos laços teóricos entre a Geografia Humana e as pesquisas no/sobre o ambiente virtual. Os conceitos elaborados por Tuan (1983) sobre espaço e experiência, assim como de espacialidade, estão intimamente ligados à noção de espaço, liberdade e compartilhamento da memória e da consciência trabalhados por Pierre Lévy.

Nesse sentido, as redes possibilitam maior *espaciosidade* e, consequentemente, propiciam a ampliação das nossas habilidades de comunicação e *interação simbólica*⁸. A expansão das nossas habilidades espaciais nos permite a liberdade e o poder (TUAN, 1983). Ser livre, neste caso, está associado

⁶ O vocábulo *sociação* foi utilizado por George Simmel (2006) para designar as formas através dos quais os indivíduos se relacionam em razão dos seus interesses sensoriais, momentâneos, duradouros ou teleológicos. Segundo ele, as ações do indivíduo se desenvolvem em direção a uma unidade na qual os interesses se realizam em direção ao outro com o qual ele deseja socializar-se, agindo, portanto, baseados nos pressupostos de contrato e reciprocidade.

⁷ O conceito de sociabilidade também foi elaborado por George Simmel (2006), consistindo na interação simbólica lúdica em que os sujeitos desenvolvem ações que perpassam a ludicidade, como um jogo performático em que a recusa, a aceitação, a negação e a afirmação podem ser compreendidas como jogo de interações. A sociabilidade consiste, portanto, na “forma lúdica da sociação”.

⁸ A expressão *interação simbólica*, aqui utilizada, denota a *simbolização* como característica humana. Ele nos remete ao Interacionismo Simbólico de Mead, Blumer, Dewey, Giddens, Goffman etc. Para esses pensadores “o significado é um dos mais importantes elementos na compreensão do comportamento humano, das interações e dos processos” (CARVALHO; BORGES; REGO, 2010, p. 153). Para Blumer (1979), o significado é um produto social, que advém da ação do homem à proporção que interagem entre si.

à reflexão do próprio ato de locomover-se entre os espaços, de reflexão sobre o caminho percorrido (TUAN, 1983), neste caso, através dos diversos espaços sociais que ambiente virtual nos proporciona.

Nas redes, a liberdade intensifica-se, pois ela proporciona ao indivíduo possibilidade de criar seu próprio caminho e seu próprio espaço. Isso a partir da própria estrutura do ambiente virtual que liga diversos indivíduos, memórias e culturas. Ela permite a *produção do espaço*, único para cada indivíduo que o constrói e que o significa, sem nem ao menos necessitar locomover-se materialmente. Neste caso, sua locomoção se dá a partir de símbolos, textos, hipertextos, *hiperlinks*, entre outros.

Nesse sentido, é possível inferir que o ambiente virtual nos proporcionou múltiplas possibilidades de expansão das nossas habilidades espaciais, por conseguinte, nos proporcionou saber e poder. Por fim, vale salientar a possibilidade de aplicação das noções de espaço, experiência e *espaciosidade* de Tuan (1983) nas pesquisas realizadas no/sobre as relações ciberespaciais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. d. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- BLUMER, H. **El interaccionismo simbólico: perspectiva y metodo**. Barcelona: Hora, 1979.
- BUTTNER, A. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio (org.). *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.
- CASCAIS, F. **Dicionário de Jornalismo: as palavras dos media**. São Paulo: Verba, 2001.
- CASTELLS, M. **Power Communication**. New York: Ed. Oxford, 2009.
- CARVALHO, V. D; BORGES, L. O; REGO, D. P. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos, e contribuições aos estudos da Psicologia Social. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, v. 30, n. 01, p. 146-161, Jan - 2010.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREUD, S. O eu e o Id. In: _____. **O eu e o Id, uma Neurose Demoníaca do século XVII e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.
- _____. A dissecção da personalidade psíquica – conf. XXXI. In: _____. **Novas Conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976c.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.

- HOLZER, W. A **Geografia Humanista**: uma revisão. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.
- JENKINS, H. **Fans, bloggers and games**: exporing participatory culture. New York: New York University, 2006.
- _____. **Textual poachers**: television fans e participatory culture. New York: Routledge, 1992.
- KELLNER, D. Como mapear o presente a partir do futuro: de Baudrillard ao cyberpunk. In: _____. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4a ed. Paris: Anthropos, 2000.
- LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência**: O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: editora 34, 1995.
- _____. **O que é o Virtual?** Rio de Janeiro, Editora 34, 1996.
- _____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- _____. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **Entrevista, Programa Roda Viva**, FAPESP. [jan. 2011]. Entrevistador: Paulo Markun. São Paulo, 2011. Disponível em:<<http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/47>>. Acesso em 04 de Fev. de 2013.
- LEMOS, A. **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MITCHELL, W. **E-topia**. Cambridge: MIT Press, 2000.
- MONTEIRO, S. D. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **Revista DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, s/p, Jun - 2007.
- RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Art-med, 2002.
- RHEINGOLD, H. **A Comunidade Virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.
- SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- TOURAINÉ, A.; KHOSROKHAVAR, F. **A busca de si. Diálogo sobre o sujeito**. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. - São Paulo: DIFEL, 1983.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. As características próprias da geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. A. (org.), **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.